

ANUÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO LUSÓFONA 2006



Do Local ao Global nos Meios de
Comunicação Lusófonos: especificidades
nacionais, fluxos e contra-fluxos

LUSOCOM - Federação Lusófona de Ciências da Comunicação

Anuário Internacional de Comunicação Lusófona

2006

LUSOCOM

Federação Lusófona de Ciências da Comunicação

Entidades Associadas:

ANGOCOM - Associação Angolana de Estudos de Comunicação

AMESCOM - Associação Moçambicana de Estudos da Comunicação

AGIC - Asociación Galega de Investigadores en Comunicación

INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

SOPCOM - Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

A636
2006

Anuário internacional de comunicação lusófona 2006 /
Cicília Maria Krohling Peruzzo, José Benedito
Pinho, editores. – São Paulo : INTERCOM ; [Lisboa]
: Federação Lusófona de Ciências da Comunicação,
2006.
000p. : il. ; 23cm.

Texto em português e galego.

Título da capa: Do local ao global nos meios de
comunicação lusófonos : especificidades nacionais,
fluxos e contra-fluxos

1. Comunicação de massa. 2. Países de língua
portuguesa. I. Peruzzo, Cicília Maria Krohling. II. Pinho,
J. B. (José Benedito). III. Federação Lusófona de Ciências
da Comunicação (Portugal). IV. Sociedade Brasileira de
Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

CDD 20.ed. 302.2

Expediente 1

Apresentação 3

Cicília Maria Krohling Peruzzo (Universidade Metodista de São Paulo - Brasil)

José Benedito Pinho (Universidade Federal de Viçosa - Brasil)

**PARTE I - MEIOS DE COMUNICAÇÃO
NAS REALIDADES LUSÓFONAS**

Televisão em Moçambique: que espaço público? 9

João Miguel (Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique)

**Quando a televisão faz escola: o Telecurso e os meios de
comunicação em Timor Leste** 27

Maria Inês Amarante e Ivanildo Quirino do Nascimento (Brasil)

**A cobertura do atentado contra a escola de Beslan em seis
newsmagazines portuguesas e brasileiras** 43

Jorge Pedro Sousa (Universidade Fernando Pessoa, Portugal) e Maria Érica
de Oliveira Lima (Universidade Metodista de São Paulo, Brasil)

**A cobertura sobre saúde relativa à infância e a adolescência:
uma análise comparativa do material veiculado por
50 jornais brasileiros** 63

Guilherme Canela de Souza Godoi (Agência de Notícias dos Direitos
da Infância - ANDI, Brasil)

PARTE II - ESPECIFICIDADES NA MÍDIA LOCAL

**Fontes de informação nos telejornais sergipanos na
área temática infância e adolescência** 83

Josenildo Luiz Guerra (Universidade Federal de Sergipe, Brasil)

**A televisión local en Galicia ante a dixitalización. Transformacións
e redefinición do modelo televisivo de proximidade** 101

Ana Isabel Rodríguez Vázquez (Universidade de Santiago de
Compostela, Galicia)

**O local na produción de ficción televisiva en Galicia:
o caso de *Mareas Vivas*** 117

Marta Pérez Pereiro (Universidade de Santiago de Compostela, Galicia)

TV comunitária na Galícia e no Brasil: apontes para um achegamento possível	131
Comba Compy Garcia (Universidade de Santiago de Compostela, Galícia)	

Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil	141
Cicilia Maria Krohling Peruzzo (Universidade Metodista de São Paulo, Brasil)	

PARTE III - QUESTÕES DE INTERCULTURALIDADE E CIBERESPAÇO

A cor da comunicação	165
Isabel Viegas (Ministério das Finanças, Portugal) e Sandra Cristina Pereira (Escola Superior de Comunicação Social, Portugal)	

Reafirmação da identidade e da cultura portuguesas em Manoel de Oliveira e José Saramago	179
Luíza Beatriz Amorim Melo Alvim (Universidade Federal Fluminense, Brasil)	

Considerações metodológicas sobre comunicação e cibercultura em tempos de (re) articulação do global e do local a partir da netnografia	189
Paula Jung Rocha e Sandra Portella Montardo (Centro Universitário Feevale, Brasil)	

Modelos de información galega en Internet	203
Moisés Limia Fernández, Antonio Isasi Varela, José Pereira Farina e Xosé López García (Universidade de Santiago de Compostela, Galícia)	

PARTE IV - A FEDERAÇÃO LUSÓFONA E AS ASSOCIAÇÕES NACIONAIS

LUSOCOM, Federação Lusófona de Ciências da Comunicação	221
ANGOCOM, Associação Angolana de Estudos de Comunicação	223
AMESCOM, Associação Moçambicana de Estudos da Comunicação	225
SOPCOM, Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação	227
INTERCOM, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	231
AGIC, Asociación Galega de Investigadores en Comunicación	235

APÊNDICES

2006, Ano Luiz Beltrão	238
Normas para publicação	241

A cobertura do atentado contra a escola de Beslan em seis newsmagazines portuguesas e brasileiras

Resumo

A 1 de Setembro de 2004, terroristas islâmicos chechenos e árabes, ligados à Al-Qaeda, invadiram uma escola na Ossétia do Norte, Rússia, num ataque planeado com vários meses de antecedência, fazendo 1200 reféns. A 3 de Setembro, as forças russas atacaram, após uma explosão no interior da escola. Morreram centenas de reféns, incluindo crianças. A teoria do jornalismo explica que factores como os critérios de noticiabilidade e os enquadramentos levam a que atentados chocantes como esses se tornem notícia universal, pelo que este trabalho teve por objectivo descrever como as revistas *Veja*, *Isto É* e *Época* (Brasil) e *Visão*, *Focus* e *Sábado* (Portugal) reagiram ao acontecimento, através de uma análise quantitativa do discurso. Principal conclusão: o trauma alterou os papéis sociais rotineiros do jornalismo, em Portugal e no Brasil. Sem abdicar de uma função informativa, o jornalismo também foi veículo de excomunhão e condenação.

Palavras-chave

Jornalismo de revistas, internacional, terrorismo, análise do discurso, Portugal-Brasil.

Jorge Pedro Sousa

Doutor em Ciências da Informação, professor associado e pesquisador da Universidade Fernando Pessoa (Portugal). Membro do Centro de Investigação Media e Jornalismo (Portugal). (jpsousa@ufp.pt)

Maria Érica de Oliveira Lima

Mestre e doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e colaboradora do Núcleo "Mídia Local e Regional" da UMESp. (merical@uol.com.br)

A cobertura do atentado contra a escola de Beslan em seis newsmagazines portuguesas e brasileiras

Jorge Pedro Sousa

(Universidade Fernando Pessoa, Portugal)

Maria Érica de Oliveira Lima

(Universidade Metodista de São Paulo, Brasil)

Introdução

A 1 de Setembro de 2004, primeiro dia do novo ano escolar, sempre assinalado com celebrações, um grupo de terroristas¹ islâmicos, em que se misturavam independentistas chechenos e, possivelmente, fundamentalistas ligados à al-Qaeda, invadiu uma escola na cidade de Beslan, na república federada russa da Ossétia do Norte, fazendo cerca de 1200 reféns, entre os quais muitas crianças, reunidas para festejar o regresso à escola. Três dias depois, quando as forças russas conseguiram retomar o controlo da escola, o atentado tinha deixado centenas de reféns sem vida, entre os quais centenas de crianças.

A relação entre terrorismo e meios jornalísticos tem sido explorada em vários estudos, entre os quais várias análises do discurso. O atentado de 11 de Setembro contribuiu para colocar o tema na agenda científica. Rudloff (2003), por exemplo, analisou como uma revista norte-americana (*Time*) e uma revista canadiana (*MacLean's*) cobriram o terrorismo entre Setembro de 2001 e Setembro de 2002, tendo descoberto que ambas se orientaram discursivamente para uma postura “nós vs. eles”, apesar de a *Time* dar mais espaço a Osama bin Laden. Noutro exemplo, Zelizer e Allan (2002) editaram uma colectânea de textos de reflexão e pesquisa apropriadamente intitulada *Journalism After September 11*.

O jornalismo é, essencialmente, uma *representação discursiva e selectiva da vida*, que, *como todos os discursos sobre a realidade, mostra, evidencia e focaliza na mesma medida que oculta*. Ao discursarem sobre a vida, os meios de comunicação contribuem para a definição simbólica da dimensão das crises e dos acontecimentos em geral, pois hierarquizam as informações e dão-lhe um determinado relevo. O ataque terrorista contra a escola de Beslan foi notícia porque além de desviante em relação ao que é considerado normal, misturou morte e negatividade, factores que funcionam como critérios de noticiabilidade (Stephens, 1988: 34; Galtung e Ruge, 1965;

¹ O atentado contra a escola de Beslan enquadrã-se na definição de terrorismo dada pela ONU.

Traquina: 2002: 174-178). Miliband (1969) explica, a propósito, que os meios jornalísticos tendem a ser menos imparciais e objectivos quando mais radical é a dissidência ou o desvio em relação ao que é colectivamente negociado como sendo a definição simbólica do que é normal numa sociedade. Convergentemente, Weimann e Brosius (1991) descobriram que quanto maior é o desvio, mais hipóteses existem de um acto terrorista de ser coberto. Aliás, conforme salientam Shoemaker e Reese (1996: 237), os meios jornalísticos participam na negociação colectiva do que é percebido como desvio, propondo uma norma em torno da qual se caracteriza o desvio. Pode, assim, afirmar-se que os acontecimentos socialmente traumáticos, como o atentado de Beslan, são notícia porque são intensamente desviantes e violam gravemente as regras de convivência e as estratégias de sobrevivência das comunidades. O facto de o atentado ter sido direccionado contra crianças acentua o grau de desvio em relação ao que, pelo menos na civilização ocidental, é considerado cultural e ideologicamente *normal*, pois evoca, no imaginário colectivo, uma grave violação da inocência da infância e vinca simbolicamente a enorme desproporção e contraposição entre o uso brutal da força e das armas pelos terroristas-assassinos islâmicos e a fragilidade das *crianças-vítimas* desprotegidas (veja-se também: Ponte, 2002). Ou seja, em idênticas condições, os adultos merecem jornalística e simbolicamente menores preocupações e menos interesse do que as crianças.

Em consonância com o exposto, o presente trabalho tem por objectivo descrever como seis *newsmagazines* portuguesas e brasileiras noticiaram o atentado de Beslan, através de uma análise de conteúdo, tendo-se procurado testar as hipóteses a seguir explicitadas, das quais emergiram várias perguntas de investigação:

Hipótese 1: O elevado grau de noticiabilidade do atentado, decorrente da confluência de vários critérios de noticiabilidade e outros factores, relevaram o atentado entre a informação.

Pergunta de pesquisa 1: Qual foi a relevância informativa concedida ao atentado?

Hipótese 2: A brutalidade do atentado centralizou a cobertura no próprio evento, embora o papel tradicional da imprensa escrita de referência como provedora de análises e informação mais extensa tenha temperado as notícias duras com matérias de contexto e argumentação.

Pergunta de pesquisa 2: Quais as macro-temáticas predominantes na informação sobre o atentado?

Hipótese 3: O carácter brutal do atentado promoveu a informação noticiosa.

Pergunta de pesquisa 3: Quais os géneros textuais usados para a cobertura do atentado?

Hipótese 4: A facilidade de acesso, por um lado, e a necessidade de saber o que se passava e de referenciar a “visão local” sobre o acontecimento, por outro, impuseram o recurso equilibrado a fontes portuguesas (revistas portuguesas), brasileiras (revistas brasileiras), russas e chechenas.

Hipótese 5: As fontes oficiais são dominantes.

Pergunta de pesquisa 4: Quais são as fontes presentes nas matérias sobre o atentado?

Hipótese 6: As fotografias jornalísticas reforçaram os enunciados verbais.

Pergunta de pesquisa 5: Quais os enquadramentos temáticos das fotografias jornalísticas sobre o atentado e que relação se pode estabelecer, caso exista, entre os enquadramentos temáticos e o tamanho das fotos?

Pergunta de pesquisa 6: Quais as personagens nas fotografias?

Utilizou-se como unidade de análise a matéria individual que referisse directa ou indirectamente o atentado. A informação foi, assim, classificada em número de matérias e em cm² (arredondados às unidades) por várias categorias definidas *a priori*, conforme é habitual neste tipo de pesquisa (cf. Marques de Melo et. al., 1999: 4; cf. Marques de Melo, 1972). No caso particular das fontes, a informação foi categorizada por número de referências às fontes e número de frases citadas. Assim, as variáveis dependentes do presente estudo foram, simultaneamente, as matérias sobre o atentado, medidas nominalmente e por nível de razão (em cm²), e as referências às fontes e frases citadas.

Resultados

A análise quantitativa do discurso permitiu observar que as revistas tiveram comportamentos diferenciados menos dependentes da nacionalidade do que das linhas editoriais das revistas.

Quadro 1 “ Destaque dado ao atentado nas primeiras páginas

	<i>Veja</i>	<i>Época</i>	<i>Isto É</i>	<i>Visão</i>	<i>Focus</i>	<i>Sábado</i>
Total de chamadas informativas	1	1	1	2	2	2
Chamadas sobre o atentado	1	0	0	1	1	1
% chamadas sobre o atentado	100	0	0	50	50	50
Espaço informativo total (cm ²)	538	530	530	548	662	550
Espaço dedicado ao atentado (cm ²)	538	0	0	509	459	35
% espaço dedicado ao atentado (cm²)	100	0	0	92,9	69,3	6,4

As revistas que deram mais atenção ao atentado nas primeiras páginas foram a *Veja* e a *Visão*, que podem considerar-se revistas irmanadas na linha editorial, e ainda a *Focus*. Pode também dizer-se que as revistas portuguesas deram, no geral, mais destaque ao atentado do que as brasileiras, já que todas as portuguesas “puxaram” o assunto à primeira página, ao contrário das brasileiras, embora na *Sábado* o assunto tivesse tido uma importância residual. Assim, é possível afirmar que, ao contrário do que sucedeu nas outras revistas, o atentado mobilizou a atenção informativa da *Veja*, da *Visão* e da *Focus*. A *Veja* dedicou-lhe a totalidade da primeira página, a *Visão* cedeu-lhe quase 93% da superfície da “um” e a *Focus* usou 69,3% da primeira página para evocar o atentado.

Por um lado, os resultados mostram que para as três revistas e para os seus jornalistas o atentado constituiu o assunto mais importante da actualidade, possivelmente devido à transnacionalidade e transorganizacionalidade dos critérios de noticiabilidade, que no caso da *Veja* e da *Visão* resultam de linhas editoriais semelhantes; por outro lado, se os meios têm a capacidade de definir simbolicamente a importância de um acontecimento e a gravidade de uma crise, então é visível que o atentado foi socialmente comunicado através das três revistas como sendo uma crise grave, provavelmente por estabelecer um novo patamar no terror e na conceptualização do desvio às normas (culturais) de convivência social: a violência maciça contra crianças. Os brasileiros e portugueses leitores dessas revistas (sendo a *Veja* a revista generalista de maior circulação no Brasil e a *Visão* a *newsmagazine* de maior circulação em Portugal) consumiram, assim, mensagens formalmente similares.

Quadro 2 “ Destaque dado ao atentado no corpo das revistas

	<i>Veja</i>	<i>Época</i>	<i>Isto É</i>	<i>Visão</i>	<i>Focus</i>	<i>Sábado</i>
Total de matérias	105	46	46	108	68	67
Matérias sobre o atentado	4	1	2	8	11	7
% matérias sobre o atentado	3,8	2,2	4,3	7,4	16,2	10,4
Espaço informativo (cm ²)	46 806	39 750	45 580	49 320	56 495	56 000
Espaço dedicado ao atentado (cm ²)	8 592	1 590	2 120	7 040	5 087	3 668
% espaço dedicado ao atentado (cm²)	18,4	4	4,6	15,4	9	6,5

Quanto ao espaço dedicado ao atentado no corpo das revistas, estas podem separar-se em três grupos:

“Por um lado, a *Visão* (7040 cm², 15,4% da superfície informativa dedicada ao atentado) e a *Veja* (8592 cm², 18,4% da superfície informativa dada ao acontecimento), que fizeram uma ampla cobertura do atentado, apontando para a elevada importância simbólica do acontecimento;

“No ponto diametralmente oposto, as restantes revistas brasileiras (a *Isto É*, que dedicou 2120 cm², 4,6% da superfície informativa, ao atentado; e a *Época*, que dedicou 1590 cm², 4% da superfície informativa, ao acontecimento);

“Finalmente, a *Sábado* (6,5% da superfície informativa dedicada ao atentado, 3668 cm² em números absolutos) e a *Focus* (9% da superfície informativa dedicada ao atentado, 5087 cm² em valores absolutos), podem situar-se num ponto intermédio no que respeita ao destaque dado ao atentado.

No conjunto, pode também dizer-se que as revistas portuguesas falaram mais do atentado do que as brasileiras. Por eventuais razões de proximidade geográfica, quer porque, hipoteticamente, o terrorismo afecta mais os europeus do que os brasileiros, pese, embora, o comportamento dissonante da *Veja* no quadro das revistas brasileiras.

Os dados do quadro 2 também permitem dizer que as revistas portuguesas tendem a fragmentar mais a informação (mais matérias com menos superfície cada matéria) do que as brasileiras, o que indicará diferenças editoriais resultantes da nacionalidade.

continuação Quadro 4

	<i>Isto É</i>				<i>Sábado</i>			
	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%
Atentado	1	50	1 941	91,6	2	28,6	1828	49,8
Reacções verbais	0	0	0	0	0	0	0	0
Contexto, consequências e repercussões	1	50	179	8,4	2	28,6	908	24,7
Consequências para a comunicação social	0	0	0	0	0	0	0	0
Autores do atentado	0	0	0	0	0	0	0	0
Voz editorial e argumentação em geral	0	0	0	0	2	28,6	780	21,3
Outros assuntos	0	0	0	0	1	14,3	152	4,1

	<i>Época</i>				<i>Focus</i>			
	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%
Atentado	1	100	1 590	100	4	36,4	2 893	56,9
Reacções verbais	0	0	0	0	1	9,1	74	1,5
Contexto, consequências e repercussões	0	0	0	0	2	18,2	1 038	20,4
Consequências para a comunicação social	0	0	0	0	0	0	0	0
Autores do atentado	0	0	0	0	1	9,1	556	10,9
Voz editorial e argumentação em geral	0	0	0	0	1	9,1	212	4,2
Outros assuntos	0	0	0	0	2	18,2	314	6,2

As revistas apresentam algumas semelhanças na centralidade informativa concedida ao atentado em si (*O que ocorreu? Como ocorreu?*). Tal facto correlacionar-se-á com o grau de choque que o acontecimento provocou nas sociedades portuguesa e brasileira. Os jornalistas de Portugal e do Brasil, antes de mais, vivem no seio das respectivas sociedades e culturas (de matriz ocidental), pelo que terão percebido o atentado como um acontecimento profundamente desviante em relação às normas vigentes em ambas as sociedades. O choque e a comoção terão levado as revistas a relembrem os eventos e fazerem o luto, conforme pretende Herman (1992: 15).

O segundo vector de cobertura, em todas as revistas (com excepção da *Época*, que só fala do que aconteceu e como aconteceu), recaiu na resposta a "*porquê?*", o que significou explorar o contexto da situação. Ter uma explicação para acontecimentos traumáticos e violentos, inclusivamente por motivos de segurança pessoal, parece ser recorrente entre os seres humanos e, conseqüentemente, entre os meios jornalísticos, conforme se descortina pela cobertura de vários atentados (Sousa, 2004; Sousa, 2004 b).

As revistas que mais fragmentaram a cobertura foram: *Visão* e *Focus*. Ambas aproveitaram para caracterizar, com intenções contextuais, os assassinos nacionalistas chechenos e fundamentalistas islâmicos que perpetraram o acto (resposta a “quem?”).

A *Visão* é a única que individualiza numa matéria a política do Kremlin de restrição à liberdade (real) de imprensa no caso do conflito checheno, por vezes por meios obscuros e enviesados. Tendo em conta os valores jornalísticos, como o apego à liberdade de expressão e de informação.

Há que referir, por outro lado, que as revistas, com excepção da *Veja*, procuraram resistir a misturar argumentação e a expressão da revolta com os conteúdos noticiosos. Na *Veja*, a “voz editorial” e a “argumentação” insinuam-se no relato noticioso. O relato adquire, assim, características mistas noticioso-argumentativas. Em suma, a *Veja* denotou, nesse particular, uma mais vincada *latinidade* na cobertura do que as restantes, que procuraram seguir mais a via de separação entre notícia e comentário, aberta pelo jornalismo noticioso anglo-saxónico². As revistas portuguesas, inclusivamente, procuraram demarcar os espaços para a voz editorial.

Ao contrário do sucedido com jornais diários na cobertura de atentados (Sousa, 2004; Sousa, 2004 b), as revistas, com excepção da *Focus*, não incluíram matérias de reacções verbais ao acontecimento, o que evidencia as diferenças nas rotinas profissionais.

Quadro 5 “ Géneros textuais usados na cobertura do atentado

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%
Matérias noticiosas e/ou documentais	4	100	8 592	100	7	77,5	5 656	95,2
Matérias argumentativas ou analíticas	0	0	0	0	1	12,5	288	4,8
	<i>Isto é</i>				<i>Sábado</i>			
	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%
Matérias noticiosas e/ou documentais	2	100	2 120	100	3	42,9	1 980	54
Matérias argumentativas ou analíticas	0	0	0	0	4	57,1	1 688	46
	<i>Época</i>				<i>Focus</i>			
	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%
Matérias noticiosas e/ou documentais	1	100	1 590	100	9	81,8	4 319	84,9
Matérias argumentativas ou analíticas	0	0	0	0	2	18,2	768	15,1

² Há que referir, inclusivamente, que a própria matéria de fundo da *Visão* sobre o atentado foi um exclusivo da revista norte-americana *Time*.

As matérias noticiosas são predominantes. O elevado grau de desvio do acontecimento em relação ao que é visto como sendo normal em sociedades de matriz cultural essencialmente ocidental, como a portuguesa e a brasileira, aliado à surpresa e ao choque, poderá constituir o conjunto de razões que estiveram na base do fenómeno. Houve que recordar *o que aconteceu e como aconteceu* para, posteriormente, se fazer o luto.

De qualquer modo, a predominância das matérias noticiosas está também relacionada com o principal papel do jornalismo em sociedade: informar. Recorde-se o argumento de autoridade de Michael Schudson (2002: 43), para quem o jornalismo que descure a informação não tem condições para sobreviver. A essa explicação pode acrescentar-se a interpretação de Traquina (2001: 98), na linha de Tuchman (1978), segundo a qual o jornalismo se direcciona para os acontecimentos em detrimento das problemáticas devido ao valor do imediatismo e à “definição de jornalismo como relatos actuais sobre acontecimentos actuais”. O factor tempo (Schlesinger, 1977), o papel da cronocentralidade na cultura jornalística (Schudson, 1986 a; Schudson, 1986 b), o ciclo temporal diário de produção rotineira de informação, que culmina no fecho (Traquina, 2001), as expectativas da audiência (Sousa, 2000) são factores que também contribuirão para esse direccionamento do processo jornalístico para os acontecimentos e não para as problemáticas e, por consequência, para a informação noticiosa.

Quadro 6 “ Nacionalidade das fontes usadas na cobertura do atentado

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º de referências	%	N.º de frases	%	N.º de referências	%	N.º de frases	%
Brasileira	0	0	0	0	0	0	0	0
Portuguesa	0	0	0	0	0	0	0	0
Russa (e osseta)	1	50	1	50	16	80	19	70,4
Chechena	0	0	0	0	4	20	8	29,6
Internacionais	1	50	1	50	0	0	0	0
Mundo Ocidental	0	0	0	0	0	0	0	0
Países islâmicos	0	0	0	0	0	0	0	0
Outras	0	0	0	0	0	0	0	0
Indeterminadas	0	0	0	0	0	0	0	0

	<i>Isto É</i>				<i>Sábado</i>			
	N.º de referências	%	N.º de frases	%	N.º de referências	%	N.º de frases	%
Brasileira	0	0	0	0	0	0	0	0
Portuguesa	0	0	0	0	0	0	0	0
Russa (e osseta)	2	40	2	22,2	5	62,5	8	72,7
Chechena	0	0	0	0	0	0	0	0
Internacionais	0	0	0	0	0	0	0	0
Mundo Ocidental	2	40	6	66,7	3	37,5	3	27,3
Países islâmicos	0	0	0	0	0	0	0	0
Outras	0	0	0	0	0	0	0	0
Indeterminadas	1	20	1	11,1	0	0	0	0

continuação Quadro 6

	Época				Focus			
	N.º de referências	%	N.º de frases	%	N.º de referências	%	N.º de frases	%
Brasileira	0	0	0	0	0	0	0	0
Portuguesa	0	0	0	0	2	8,7	7	15,2
Russa (e osseta)	1	20	1	14,3	12	52,2	25	54,3
Chechena	0	0	0	0	3	13	5	10,9
Internacionais	0	0	0	0	1	4,4	2	4,3
Mundo Ocidental	3	60	4	57,1	5	21,7	7	16,3
Países islâmicos	0	0	0	0	0	0	0	0
Outras	0	0	0	0	0	0	0	0
Indeterminadas	1	20	2	28,6	0	0	0	0

Conforme no quadro 6, as revistas tiveram um comportamento dissonante no que respeita à utilização de fontes, sendo, no geral, as revistas portuguesas mais polifónicas do que as brasileiras, excluindo a *Sábado*. As revistas procuraram também oferecer aos leitores uma *visão autóctone* do acontecimento, citando fontes locais russas e ossetas, o que ajuda a *credibilizar* e a *certificar* a informação. Por outro lado, é de destacar que as revistas não seguiram o caminho mais fácil e rotineiro, que seria recorrer, essencialmente, a fontes nacionais, devido à facilidade de acesso.

Ao *indiciar o caminho e o esforço do jornalista* na pesquisa de informação (as notícias dão pistas do trabalho jornalístico), a citação de fontes relevantes também significa uma *aposta na qualidade* do produto jornalístico.

O grau de polifonia por vezes depende do potencial trazido pela *facilidade de acesso às fontes*. No caso da *Visão*, que publicou um exclusivo da revista norte-americana *Time*, o relativo grau de polifonia observado deveu-se, em grande medida, à existência de um jornalista da *Time* no *espaço do acontecimento*. Do mesmo modo, a *Sábado* beneficiou com a publicação de um exclusivo do diário espanhol *El Mundo*, que enviou um jornalista para o local.

Quadro 7 “ Tipologia das fontes usadas na cobertura do atentado

	Veja				Visão			
	N.º de referências	%	N.º de frases	%	N.º de referências	%	N.º de frases	%
Fontes “oficiais”	0	0	0	0	3	15,8	6	20,6
Autores do atentado e apoiantes	0	0	0	0	4	21	8	29,5
Especialistas e comentadores	1	50	1	50	2	10,5	3	10,6
Religiosos	0	0	0	0	0	0	0	0
Fontes jornalísticas	1	50	1	50	0	0	0	0
Populares	0	0	0	0	10	52,7	11	39,3
Outras fontes e fontes anónimas	0	0	0	0	0	0	0	0
Crianças	0	0	0	0	0	0	0	0
Sequestrados	0	0	0	0	10	52,7	11	39,3

continuação Quadro 7

	<i>Isto É</i>				<i>Sábado</i>			
	N.º de referências	%	N.º de frases	%	N.º de referências	%	N.º de frases	%
Fontes "oficiais"	1	20	1	11,1	5	62,5	8	72,7
Autores do atentado e apoiantes	0	0	0	0	0	0	0	0
Especialistas e comentadores	2	40	6	66,7	0	0	0	50
Religiosos	0	0	0	0	0	0	0	0
Fontes jornalísticas	0	0	0	0	0	0	0	0
Populares	1	20	1	11,1	3	37,5	3	27,3
Outras fontes e fontes anónimas	1	20	1	11,1	0	0	0	0
Crianças	0	0	0	0	2	25	2	18,2
Sequestrados	1	20	1	20	0	0	0	0

	<i>Época</i>				<i>Focus</i>			
	N.º de referências	%	N.º de frases	%	N.º de referências	%	N.º de frases	%
Fontes "oficiais"	1	20	1	14,3	7	30,4	15	32,6
Autores do atentado e apoiantes	0	0	0	0	1	4,4	2	4,3
Especialistas e comentadores	4	80	6	85,7	5	21,7	11	23,9
Religiosos	0	0	0	0	1	4,4	2	4,3
Fontes jornalísticas	0	0	0	0	1	4,4	1	2,2
Populares	0	0	0	0	7	30,4	15	
Outras fontes e fontes anónimas	0	0	0	0	1	4,4	1	2,2
Crianças	0	0	0	0	4	17,4	10	21,7
Sequestrados	0	0	0	0	5	21,7	11	23,9

Se bem que a teoria do jornalismo (Traquina, 2001; Traquina, 2002; Sousa, 2000) aponte para o tendencial predomínio de fontes "oficiais" nas notícias. As fontes "oficiais" apenas são maiorias relativas nas revistas portuguesas *Focus* (a única que inclui uma coluna de reacções verbais ao atentado) e *Sábado*.

É de referir que a *Visão*, a *Focus* e a *Isto É* citam seqüestrados, sendo que a *Focus* cita, inclusivamente, crianças seqüestradas, o que funcionou como um tocante manifesto de condenação dos terroristas e do terrorismo pelas suas próprias vítimas. Esta opção permitiu ganhos de *autenticidade* e *vivacidade* na cobertura e de *realismo* no relato. Desse modo, torna-se notório que *as condições de acesso às fontes, por meios directos ou indirectos, condicionam a qualidade (e a polifonia) da cobertura*, sendo que o acesso às fontes depende da existência e das condições de actuação de jornalistas no *espaço do acontecimento*, que podemos definir como o *espaço físico*,

social e temporal onde o acontecimento e as interações sociais que este gera têm lugar. De qualquer maneira, é de realçar que, embora, eventualmente, carentes de informação, as revistas não caíram na tentação fácil e rotineira de auscultar unicamente as “fontes oficiais”, designadamente os detentores de poder político, sobre o acontecimento, indiciando que, pelo menos em ocasiões de crise e choque, a *rotinização do inesperado* faz-se também numa lógica de fuga aos canais de rotina dominantes e habituais.

De salientar que as crianças e adolescentes só tiveram voz na *Focus* e na *Sábado*.

Destaque ainda para o facto de a *Visão* e a *Focus* terem referido os terroristas, mas em duas perspectivas: *Visão* crueldade; *Focus* evoca, em viva voz, as atrocidades cometidas.

Quadro 8 “ Relevância da informação visual sobre o atentado

	Espaço ocupado por informação visual	% do espaço dedicado ao atentado ocupado por informação visual
<i>Veja</i>	4 643	54
<i>Visão</i>	2 413	28,1
<i>Isto É</i>	999	47,1
<i>Sábado</i>	1 552	35,3
<i>Época</i>	703	44,2
<i>Focus</i>	2 282	48,6

Os dados do quadro 8 evidenciam que as revistas brasileiras e a *Focus* foram mais gráficas e visuais do que a *Visão* e a *Sábado* na cobertura do atentado, por eventuais razões de linha editorial e design. No entanto, pode dizer-se que todas as revistas aproveitaram a informação visual, designadamente infográficos e fotografias jornalísticas, enquanto modalidades discursivas próprias e identitárias do jornalismo impresso, já que as imagens aportam informação e facilitam a compreensão (Sousa, 1998). Além disso, como as imagens tendem a assinalar e destacar os enunciados verbais pode dizer-se que a cobertura que as revistas fizeram do atentado foi *enfática*, no sentido de que as imagens contribuíram para reforçar, simultaneamente, a importância do acontecimento e da cobertura. As fotografias, *facultando o direito a ver*, permitiram também um maior *entranhamento e compreensão* do choque e do terror, mostrando as circunstâncias do seqüestro e do ataque aos terroristas, às feições aterrorizadas das crianças, a dor profunda das mães que encontravam os seus meninos e meninas mortos e das pessoas que choravam e lamentavam.

Em articulação com os dados do quadro 8, o quadro 9 mostra que todas as revistas privilegiaram a fotografia entre os dispositivos de informação visual, embora tenham recorrido também aos infográficos. Pode concluir-se que a existência de imagens fortes, a capacidade que a fotografia tem de fazer do leitor uma testemunha indirecta dos acontecimentos, *facultando o direito a ver*, e o elevado potencial de

Quadro 9 " Tipo de informação visual

	Veja			Visão		
	N.º	Espaço ocupado (cm ²)	% no espaço ocupado por informação visual	N.º	Espaço ocupado (cm ²)	% no espaço ocupado por informação visual
Fotografias*	18	4 393	94,6	21	2 326	96,4
Infográficos	3	250	5,4	2	87	3,6
Ilustrações	0	0	0	0	0	0

	Isto É			Sábado		
	N.º	Espaço ocupado (cm ²)	% no espaço ocupado por informação visual	N.º	Espaço ocupado (cm ²)	% no espaço ocupado por informação visual
Fotografias*	6	876	87,7	9	1 007	64,9
Infográficos	2	123	12,3	2	545	35,1
Ilustrações	0	0	0	0	0	0

	Época			Focus		
	N.º	Espaço ocupado (cm ²)	% no espaço ocupado por informação visual	N.º	Espaço ocupado (cm ²)	% no espaço ocupado por informação visual
Fotografias*	9	553	78,7	22	1 713	75,1
Infográficos	1	150	21,3	3	569	24,9
Ilustrações	0	0	00	0	0	0

dramatização visual do acontecimento geraram o predomínio da fotografia entre os dispositivos de informação visual, como é corrente no jornalismo impresso.

É de referir, tal como é identitário das revistas generalistas de informação geral, que todas as fotografias inseridas são coloridas (mais icónicas e realistas), com excepção de uma pequena imagem de arquivo de outro atentado, captada por uma câmara de segurança, publicada na *Visão*. Porém, algumas das fotografias são fotografias coloridas de fotografias a preto-e-branco, o que, para além de apelar a ideia de sobriedade e luto, provoca uma certa sensação de estranheza.

O elevado grau de dramatismo visual das fotos do atentado e dos mortos e do luto por eles colocou as fotografias no centro da cobertura em todas as revistas, conforme se observa pelo quadro 10.

As crianças, assustadas ou mesmo mortas e feridas, centralizam a cobertura visual do atentado em todas as revistas, emprestando-lhe *carga dramática* e contribuindo, certamente, para chocar, horrorizar e *revoltar* os leitores.

As fotografias fixaram as expressões das crianças assustadas, as feições marcadas pela dor, os mortos em sacos de plástico (incluindo crianças), as crianças cheias de sangue, a angústia dos socorristas com crianças inconscientes, quiçá mortas, ao colo, a mão ensangüentada de uma criança morta segurando ainda uma pequena cruz (apelando a ideia de oposição do Cristianismo das vítimas contra o Islão dos algozes). Pode, assim, dizer-se que todas as revistas aproveitaram, essencialmente, fotografias

Quadro 10 " Conteúdos da foto-informação sobre o atentado (tema principal das fotos)

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%
Mortos e luto	1	5,5	530	12,1	7	33,3	754	32,4
Atentado e socorros	11	61,1	2 822	64,3	8	38,1	1 326	57
Terroristas	1	5,5	252	5,7	3	14,3	83	3,6
Políticos	1	5,5	226	5,1	0	0	0	0
Outros atentados (arquivo)	4	22,2	563	12,8	1	4,8	18	0,8
Outros conteúdos	0	0	0	0	2	9,5	145	6,2
Fotos em que crianças feridas, mortas ou assustadas são tema	9	50	2 090	47,6	13	61,9	2 050	88,1

	<i>Isto É</i>				<i>Sábado</i>			
	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%
Mortos e luto	1	16,7	22	2,5	6	66,7	886	88
Atentado e socorros	4	66,7	608	69,4	1	11,1	52	5,2
Terroristas	0	0	0	0	1	11,1	52	5,2
Políticos	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros atentados (arquivo)	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros conteúdos	1	16,7	246	28,1	1	11,1	17	1,7
Fotos em que crianças feridas, mortas ou assustadas são tema	4	66,7	608	69,4	3	33,3	618	61,4

	<i>Época</i>				<i>Focus</i>			
	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%
Mortos e luto	1	11,1	156	28,2	8	36,4	822	48
Atentado e socorros	3	33,3	310	56,1	7	31,8	540	31,5
Terroristas	2	22,2	22	4	2	9,1	149	8,7
Políticos	0	0	0	0	3	13,6	28	1,6
Outros atentados (arquivo)	2	22,2	51	9,2	1	4,5	24	1,4
Outros conteúdos	1	11,1	14	2,5	1	4,5	150	8,8
Fotos em que crianças feridas, mortas ou assustadas são tema	3	33,3	320	57,9	8	36,4	781	45,6

relacionadas com o atentado em si e as suas conseqüências mortais, optando por fruir do valor testemunhal das fortes imagens fotográficas do acontecimento e das vítimas e traumas que este causou. Foi, desse modo, valorizado o evento em si mesmo, os socorros, os feridos, os mortos, em detrimento de outros enquadramentos.

De destacar, porém, a recuperação de informação visual sobre outros atentados, o que contribui, a par do texto, para enquadrar o ataque contra as crianças de Beslan na longa lista de atentados dos terroristas chechenos e dos fundamentalistas islâmicos, bem como, simultaneamente, para o enquadrar na lista dos actos de violência contra crianças. Esses enquadramentos visuais, que reforçam, ademais, os enquadramentos textuais, agravam simbolicamente a *culpa* dos terroristas, ao mesmo tempo em que cria alvos visuais de condenação e excomunhão, cuja identificação é reforçada pela inclusão, em ambas as revistas, de fotografias de terroristas islâmicos.

Finalmente, é de salientar que o elevado grau de choque suscitado pelas imagens poderá ter contribuído para fomentar sensações de insegurança, incompreensão e estupefacção entre os leitores.

Quadro 11 “ Dimensão das fotos e enquadramento temático

	Veja				Visão			
	N.º de fotos de tamanho superior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho inferior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho superior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho inferior a meia página	%
Mortos e luto	1	5,5	0	0	0	0	7	33,3
Atentado e socorros	5	27,8	6	33,3	1	4,8	7	33,3
Terroristas	1	5,5	0	0	0	0	3	14,3
Políticos	1	5,5	0	0	0	0	0	0
Outros atentados	1	5,5	3	16,7	0	0	1	4,8
Outros conteúdos	0	0	0	0	0	0	2	9,5
Fotos em que crianças feridas, mortas ou assustadas são tema	3	16,7	6	33,3	1	4,8	12	57,1

Continuação Quadro 11

	<i>Isto É</i>				<i>Sábado</i>			
	N.º de fotos de tamanho superior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho inferior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho superior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho inferior a meia página	%
Mortos e luto	0	0	1	16,7	1	11,1	5	55,6
Atentado e socorros	1	16,7	3	50	0	0	1	11,1
Terroristas	0	0	0	0	0	0	1	11,1
Políticos	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros atentados	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros conteúdos	0	0	1	16,7	0	0	1	11,1
Fotos em que crianças feridas, mortas ou assustadas são tema	1	16,7	3	50	1	11,1	2	22,2

	<i>Época</i>				<i>Focus</i>			
	N.º de fotos de tamanho superior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho inferior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho superior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho inferior a meia página	%
Mortos e luto	0	0	1	11,1	2	9,1	6	27,3
Atentado e socorros	1	11,1	2	22,2	0	0	7	31,8
Terroristas	0	0	2	22,2	0	0	2	9,1
Políticos	0	0	0	0	0	0	3	13,6
Outros atentados	0	0	2	22,2	0	0	1	4,5
Outros conteúdos	0	0	1	11,1	0	0	1	4,5
Fotos em que crianças feridas, mortas ou assustadas são tema	1	11,1	2	22,2	0	0	8	36,4

A informação sistematizada no quadro 11 reforça as ideias atrás apresentadas de que, na totalidade das revistas, a cobertura se centrou no atentado em si, nos socorros e nos mortos e feridos. A *Focus*, a *Sábado* e, em menor grau, a *Veja* acentuam mais as conseqüências do atentado (os mortos e o luto), enquanto as restantes enfatizam mais o atentado em si e os socorros. Neste particular, o factor nacionalidade não aparenta ser relevante para destrinçar as revistas, mostrando que o jornalismo, no mundo ocidental, comunga várias opções editoriais, devido, hipoteticamente, aos valores comuns que estruturam a civilização ocidental e que cimentam a comunidade jornalística.

O elevado número de fotografias em que as *crianças-vítimas* são tema pode contribuir para chocar e sensibilizar o leitor. Mas essas imagens concorrem também, certamente, para a (re)construção e visualização mental do arquétipo da *criança-vítima*, que, com a figura do *terrorista islâmico checheno*, constituem os dois arquétipos mais solidamente construídos e projectados por todas as revistas analisadas.

Quadro 12 “ Personagens nas fotos sobre o atentado

	<i>Veja</i>		<i>Visão</i>	
	N.º de aparições	%	N.º De aparições	%
Mortos	22	15,9	86	67,7
Feridos	27	19,6	7	5,5
Sequestrados	24	17,4	4	3,2
Populares	25	18,1	16	12,6
Terroristas	1	0,7	5	3,9
Políticos	1	0,7	0	0
Socorristas, soldados, milicianos e agentes das forças de segurança	38	27,5	9	7,1
Outras	0	0	0	0
Crianças mortas, feridas, assustadas e sequestradas	31*	22,5	23*	18,1

	<i>Isto É</i>		<i>Sábado</i>	
	N.º de aparições	%	N.º De aparições	%
Mortos	0	0	70	39,3
Feridos	5	15,6	0	0
Sequestrados	3	9,4	89	50
Populares	15	46,9	18	10,1
Terroristas	0	0	1	0,6
Políticos	0	0	0	0
Socorristas, soldados, milicianos e agentes das forças de segurança	9	28,1	0	0
Outras	0	0	1	
Crianças mortas, feridas, assustadas e sequestradas	5	15,6	159*	89,3

	<i>Época</i>		<i>Focus</i>	
	N.º de aparições	%	N.º De aparições	%
Mortos	0	0	3	2,6
Feridos	2	6,7	13	11,1
Sequestrados	0	0	12	10,3
Populares	21	70	70	59,8
Terroristas	2	6,7	2	1,7
Políticos	0	0	4	3,4
Socorristas, soldados, milicianos e agentes das forças de segurança	4	13,3	13	11,1
Outras	1	3,3	0	0
Crianças mortas, feridas, assustadas e sequestradas	4	13,3	15	12,8

Consolidando interpretações já explicitadas anteriormente, os dados do quadro 12 reforçam a ideia de que a informação fotográfica das revistas se orientou para as vítimas, ficando os outros autores do acontecimento, designadamente os terroristas, relativamente na bruma. Outros agentes do espaço público informativo, em especial os detentores do poder político, também foram algo ignorados, mostrando que, pelo menos em ocasiões de choque, nem sempre os jornalistas se apegam às rotinas que intensificam a presença das “fontes oficiais” nas notícias, incluindo nas foto-notícias. Por um lado, há sempre espaços de fuga aos canais de rotina dominantes; por outro lado, também pode ser considerada como rotina produtiva à tentativa de obter fotografias *do que aconteceu e das suas conseqüências*. Mortos, feridos e seqüestrados do atentado de Beslan e de outros atentados (no caso das fotografias de arquivo recuperadas com novo enquadramento) constituem, com excepção da *Focus*, a maioria das personagens presentes nas fotos, sendo as revistas portuguesas *Visão* e a *Sábado* particularmente *foto-necrófilas*. Os populares, muitos deles angustiados pela dor, são outro grupo omnipresente na cobertura, que se orientou, solidariamente, para quem mais perdeu e sofreu. Socorristas, soldados e outros intervenientes no resgate surgem pouco nas imagens, devido às opções editoriais seguidas.

3. Considerações finais

As revistas tiveram comportamentos dissonantes e consonantes que, com poucas excepções, não parecem ter sido provocadas pelo factor “nacionalidade”. As revistas, individualmente consideradas, tiveram um comportamento parcialmente semelhante e parcialmente diferente, o que poderá estar relacionado com as circunstâncias mercadológicas e sócio-culturais (*nacionais e profissionais*) que influenciam o posicionamento editorial de cada uma delas. Além disso, tendo em conta as hipóteses e perguntas de pesquisa formuladas, a análise de conteúdo permitiu concluir o seguinte:

1) O elevado grau de valor-notícia do atentado foi suficiente para relevar a sua cobertura no conjunto do noticiário, em particular do noticiário internacional e nas primeiras páginas;

2) A cobertura centrou-se nos acontecimentos que compuseram o macro-acontecimento “atentado” (acontecimento, autores, reacções...), mas as revistas estudadas providenciaram também matérias argumentativas e contextuais (ou então providenciaram informação de contexto no seio das matérias noticiosas);

3) A informação noticiosa e documental foi predominante, sobretudo nas revistas brasileiras, apesar de as revistas portuguesas incluírem matérias que individualmente se podem considerar interpretativas e argumentativas;

4) No que respeita à citação de fontes, as revistas não tiveram um comportamento uniforme, pois as revistas portuguesas, em especial a *Visão* e a *Focus*, tenderam a ser mais polifónicas do que as brasileiras, dando espaço, por exemplo, às vítimas (seqüestrados), o que reforça a sensação de *autenticidade* da cobertura. De realçar, também, a fuga às rotinas, o escape à rotinização do inesperado, patente na libertação parcial ou total das revistas da rotineira auscultação das “fontes oficiais”

(apenas maioritárias, e só relativamente, na *Focus* e na *Sábado*), designadamente dos detentores do poder político, normalmente sempre ouvidos nestas ocasiões.

5) A fotografia foi usada, estruturalmente, por todas as revistas, em especial pela *Veja*, que, nesse pormenor, seguiu a linha das revistas visuais dos anos trinta. As fotografias tiveram, em todas as publicações, o papel de reforço dos enunciados verbais, já que deram ao leitor a hipótese de (re)ver em imagens fixas as vítimas (em particular as crianças), os esforços para as salvar e as consequências do atentado e, conseqüentemente, deram-lhe também a oportunidade de se comover com o cenário e participar na condenação e excomunhão dos perpetradores do acto. Porém, visto de outro prisma, a espectacularização de algumas fotos e de alguns textos e a sua centralização na *criança-vítima*, social e culturalmente determinada, contribui também para as notícias venderem, pois neste aspecto, tragicamente, as “melhores vítimas” são as crianças.

Referências bibliográficas

- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, N. *Media Discourse*. London: Arnold, 1995.
- FOWLER, R. *Language in the News*. London: Routledge, 1991.
- HERMAN, J. *Trauma and Recovery*. New York: Basic Books, 1992.
- SCHUDSON, M. (Eds.). *Reading the News*. New York: Pantheon Books.
- MARQUES DE MELO, J. *Estudos de Jornalismo Comparado*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1972.
- MARQUES DE MELO, J.; FADUL, A.; ANDRADE, A. e GOBBI, M.C. “O Mercosul na imprensa do Mercosul”. (*Projecto de pesquisa*). Texto policopiado. 1999.
- RUBENSTEIN, R. *Alchemists of Revolution: Terrorism in the Modern World*. New York: Basic Books, 1987.
- RUDLOFF, A. Media perspectives: 2001-2002 Canadian and U.S. news magazines coverage of the war on terror. Comunicação à *Convenção da Association for Education in Journalism and Mass Communication*. Kansas City, Estados Unidos, 2003.
- SCHLESINGER, P. Newsmen and their time machine. *The British Journal of Sociology*, 28 (3), 1997.
- SCHLESINGER, P. Rethinking the sociology of journalism: Source strategy and the limits of media-centrism. In: FERGUSON. *Public Communication: The New Imperatives*. London: Sage, 1990.
- SCHUDSON, M. What time means in a news story. *The Gannett Center for Media Studies Occasional Papers*, 4. 1986a.
- SCHUDSON, M. Deadlines, datelines, and history. In: MANOFF, R. K. e SCHUDSON, M. (Eds.): *Reading the News*. New York: Pantheon Books, 1986b.
- SCHUDSON, M. Por que é que as notícias são como são. *Comunicação e Linguagens*, 8: 17-27, 1988.
- SCHUDSON, M. What's unusual about covering politics as usual, in ZELIZER, B. e ALLAN, S. (Eds.): *Journalism after September 11*, New York: Routledge: 36-47. 2002.
- SHOEMAKER, P.J. e REESE, S.D. *Mediating the Message*. Theories of Influences on Mass Media Content. 2nd. Edition. White Plains: Longman, 1996.

- SOUSA, J.P. *Fotojornalismo Performativo. O Serviço de Fotonotícia da Agência Lusa de Informação*. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa, 1997.
- SOUSA, J.P. *Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 200b.
- SOUSA, J.P. *As Notícias e os Seus Efeitos*. Coimbra: Minerva Editora, 2000.
- SOUSA, J.P. A reacção da imprensa de referência portuguesa ao Golpe de Estado de Julho de 2003 em São Tomé e Príncipe. [On-line]. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. 2003.
- SOUSA, J.P. O dia depois. "A reacção da imprensa portuguesa ao atentado de 11 de Março de 2004 em Madrid". Comunicação ao *III Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos*. Santiago de Compostela, Espanha, 2004b.
- SOUSA, J.P. "Fábrica de heróis. A reacção da imprensa portuguesa de referência à morte de Sérgio Vieira de Mello". Comunicação ao *XXVII Congresso da Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação – INTERCOM*, Porto Alegre, Brasil 2004.
- TRAQUINA, N. *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2001
- TRAQUINA, N. *Jornalismo*, Lisboa: Quimera, 2002.
- TRAQUINA, N. *A Tribo Jornalística*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.
- TUCHMAN, G. Telling stories. *Journal of Communication*, 26 (4), 1976.
- TUCHMAN, G. *Making News. A Study in the Construction of Reality*. New York: The Free Press, 1978.
- ZAHAROPOULOS, T. News coverage of terrorism abroad: characterizations, sources and labels. *International Communication Bulletin*, 39 (3-4): 26-41, 2004.
- ZELIZER, B. e ALLAN, S. (Eds.) *Journalism after September 11*, New York: Routledge, 2002.